

VOZES DO SILÊNCIO: a violência sexual contra homens em contexto de guerra

Andrik Barbosa Risso
*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política*
andrikrisso@hotmail.com

Resumo

O presente resumo tem como objetivo analisar os casos da violência sexual contra homens em contexto de guerra trazendo como objeto o silêncio sobre o assunto, indo em várias esferas, desde os documentos oficiais dos organismos internacionais, códigos penais dos países, e até mesmo a partir de testemunhas e documentários midiáticos. A netnografia será a principal metodologia utilizada para analisar esse conteúdo com base na Teoria do Silêncio, corrente da Análise do Discurso que procura analisar o não-dito. E ainda, com base no conceito de violência social de Veena Das, será possível, portanto, identificar no silêncio uma narrativa discursiva válida para identificar dor e sofrimento. O trabalho pretende analisar casos de violência sexual contra homens que aconteceram em conflitos armados internacionais dos últimos 20 anos, considerando que esta prática atravessa espaço e civilizações, sendo muitas vezes desconsiderada como violência sexual por ser uma prática contra homens, e não contra mulheres. Considera-se, portanto, como tortura, alimentando ainda mais o estigma acerca do tema, ainda reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como um debate urgente a ser discutido.

Palavras-chave

Violência sexual; Silêncio; Guerra; Masculinidade; Netnografia

Instituições de Fomento

Capes; FAPERJ; UENF





LES VOIX DU SILENCE : la violence sexuelle contre les hommes en contexte de guerre

Andrik Barbosa Risso
Étudiant en doctorat en Sociologie Politique
andrikrisso@hotmail.com

Le résumé a comme objectif analyser les cas de violence sexuelle contre les hommes en contexte de guerre apportant comme objet le silence sur le sujet, qui passe par plusieurs sphères, comme les documents officiels des organismes internationaux, des codes pénaux des pays, et même à partir des témoignages et des documentaires médiatiques. La netnographie sera la principale méthodologie utilisée pour analyser ce contenu basé sur la Théorie du Silence, centrée sur l'Analyse du Discours qui cherche analyser le non-dit. En outre, basé sur le concept de violence sociale de Veena Das, ce sera donc possible d'identifier dans le silence une narrative de discours valide pour identifier la douleur et la souffrance. Le travail envisage analyser les cas de violence sexuelle contre les hommes qui se sont passés en conflits armés à l'international au fil des 20 dernières années, tenant en considération que cette pratique traverse l'espace et les civilisations, et parfois elle n'est pas considérée comme violence sexuelle puisqu'elle est une pratique contre les hommes et non contre les femmes. Il est donc considéré comme torture, qui nourrit encore plus l'estime autour du thème, toujours reconnu par l'Organisation Internationale de la Santé comme un débat urgent à être débattu.

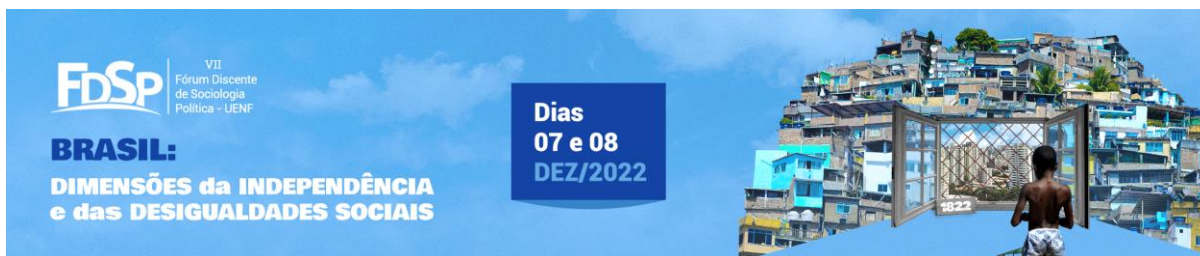
Mots-clés

Violence sexuelle ; Silence ; Guerre ; Masculinité ; Netnografie

Financement

Capes ; FAPERJ ; UENF





Introdução

A violência sexual em contexto de guerra é uma prática que atravessa séculos na história da humanidade, mesmo que de maneira invisível. Portanto, a luta feminista conseguiu trazer aos tribunais internacionais a questão sobre tornar a exploração do corpo da mulher como arma de batalha, transformando o ato em crime contra a humanidade e equiparando ao genocídio.

Mesmo que durante as guerras os homens também fossem estuprados, castrados e violentados, existe uma ausência sobre os casos na jurisprudência de violência de gênero em guerra (GREY; SHEPHERD, 2012). Nos últimos vinte anos, foram relatados violência sexual contra combatentes e civis em conflitos na Síria, no Congo, no Sudão, em El Salvador, na Serra Leoa, no Sri Lanka, no Iraque, no Afeganistão, em Ruanda, entre outros. Apesar dos fatos, a violência sexual contra homens em conflitos armados ainda é um assunto oculto para as teorias dos direitos humanos e do direito internacional.

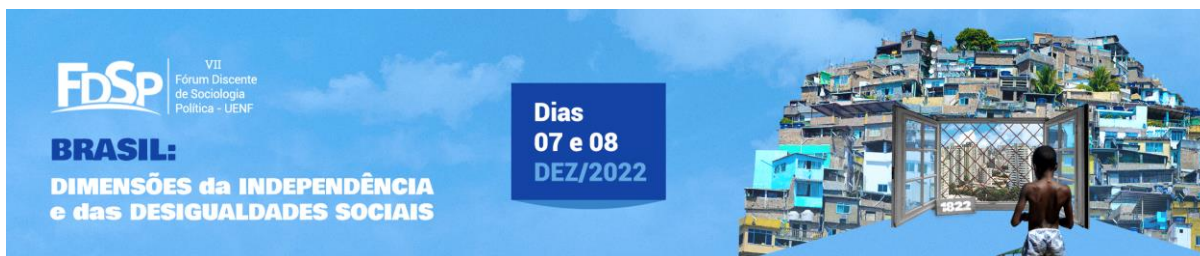
A violência sexual contra homens em conflitos não é uma novidade a se estranhar, pois é uma prática que percorreu a história, atravessando espaço, tempo e culturas (GOLDSTEIN, 2001).

Vítimas masculinas sofrem um grande estigma social e de vergonha, temem ser excluídos se eles procurarem tratamento mental e físico para se curarem do sofrimento causado pelo trauma, como por exemplo, perda da funcionalidade sexual e da infertilidade (GREY; SHEPHERD, 2012).

Com o surgimento do Tribunal Penal Internacional, o direito internacional começou a debater os casos, ele não o considerou como estupro ou violência sexual, e sim como tortura ou mutilação em sua definição por se tratar de casos contra homens.

Este trabalho identifica o conceito de masculinidade para enriquecer a o entendimento da violência sexual contra homens durante conflitos armados, abordando questões complexas sobre os corpos masculinos, gênero e poder.

Portanto, a discussão entorno desta problemática torna-se um importante debate político sociológico. A problematização do tema reconhece que, de fato, a violência sexual de homens



contra mulheres é, de longe, mais recorrente. Porém, reconhecer como estupro apenas o ato do homem contra a mulher, é minimizar e invisibilizar os casos quando a vítima é homem. Especificar o gênero para definir estupro, é não reconhecer a violência “homem contra homem”.

O estupro de mulheres em guerras talvez não seja só explicado pela dominação sexual masculina, partindo de um debate mais profundo, como a construção e negociação de poder por competitividade étnica, religiosa, cultural, e fatores da identidade nacional (VOJDIK, VALORIE K., 2014).

O conceito de masculinidade explora normas sociais, criando, reforçando, e reproduzindo relações de poder em vários níveis: entre homens; entre homens e mulheres; e em grandes instituições como o exército, o espaço de trabalho, o estado-nação, e a ordem global (ALISSON, 2007).

Sandesh Sivakumaran (2007) observa que como no caso das mulheres, o estupro de homens em guerra é um caso de dominação masculina e de poder, pois os dois casos envolvem uma construção similar de masculinidade e de dominação masculina heterossexual.

Pensando o conceito de masculinidade, é importante destacar três pontos: 1) a violência sexual contra homens em guerra não é um caso isolado; 2) a violência sexual entre homens e mulheres em guerra não são casos distintos, pelo contrário, trazem muitas similaridades; 3) a violência sexual contra homens (e mulheres) não é o resultado do caos da guerra, e faz parte de um sistema social de gênero que constrói corpos de homens como masculino, heterossexual e dominante (VOJDIK, VALORIE K., 2014).

O presente resumo identifica o silenciamento dos casos de violência sexual contra homens em contexto de guerra, identificando que os eventos traumáticos que geram a dor e o sofrimento são expressados no silêncio, que será considerado, aqui, também como uma forma de linguagem e ser discutida.

A seguir, um exemplo de documentário publicado na BBC News Brasil em 20 de março de 2022¹. Serão ressaltados alguns elementos que julgamos evidentes neste tipo de publicação.

¹ Acesso em 26 de agosto de 2022 em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60495306>.



Algumas imagens trazidas intercalando os textos:



Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia #SalaSoc



'Fui violentado por vários homens ao mesmo tempo': o drama dos homens estuprados durante guerras

Liliana Tinoco Baeckert
De Baden (Suíça) para a BBC News Brasil

20 março 2022

Atenção: essa reportagem contém detalhes que podem ser considerados chocantes.



A violência sexual contra homens é um tabu expressado em várias esferas e considerado anormal



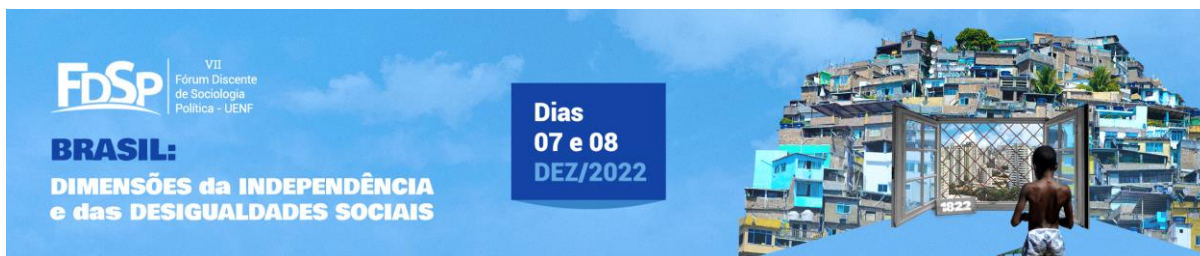
Conflitos nos Balcãs nos anos 1990 geraram traumas que não foram superados por vítimas até hoje

Os subtítulos:

1. Em guerra, não tem país 'bonzinho'
2. Efeito devastador
3. Desonra e mácula
4. 'Supremacia masculina'

Esses elementos, já a partir do título, nos mostra um documentário que busca ter uma narrativa impactante, que poderia causar um choque nos receptores da informação. Já no título,





temos um depoimento de uma vítima relatando uma violência múltipla, seguido pela palavra “drama”. Ainda, uma nota de alerta aos leitores sobre os detalhes “chocantes” descritas na reportagem.

Nas imagens, é possível identificar rostos cobertos, posturas masculinas, sombras, arma e vestimenta de guerra. Isso reforça a narrativa da desonra, da vergonha, do julgamento, da virilidade, do campo de batalha, e da fragilidade ao julgamento social.

Nos subtítulos que introduzem os textos que intercalam entre informações, depoimentos e citações de especialistas internacionais, são abordados termos “devastador, desonra, mácula, supremacia masculina.

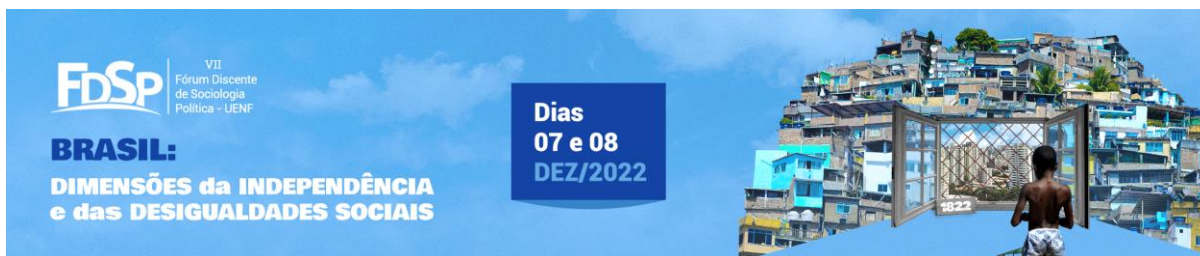
Objetivos e Métodos/Técnicas de pesquisa

O objetivo geral deste resumo é discutir o silêncio nos casos de violência sexual contra homens em contexto de guerra a partir de pesquisa documental sobre como os organismos internacionais governamentais e a mídia tratam os eventos e traumas em relação aos diferentes corpos (gênero e orientação sexual).

Além disso, a etnografia fílmica / documental e netnografia, que busca tratar o espaço digital como um “ambiente” (sob as concepções geográficas). Para Débora Leitão & Laura Gomes (2017), isto está associado à ideia de gênero de vida, que como os geógrafos e biólogos fazem, tratam como o “ambiente à vida”. Deste modo, define-se o ambiente digital como passível de análise de vida, ou seja, de interações sociais e antropológicas.

A partir da Análise do Discurso, possibilita a identificação de elementos que testem a hipótese de que os casos de violência sexual contra homens são tratados como um assunto mais delicado e mais sombrio, com características ocultas, provocando invisibilidade e silenciamento das vozes. Ou seja, será feita a análise de conteúdo midiático, sobretudo disponibilizados na internet, como artigos de jornais, documentários e conteúdo audiovisual.

Deve ser realizado um roteiro para ajudar a análise dos conteúdos e a comparação das diferentes abordagens midiáticas em relação aos diferentes corpos violados. O roteiro visa



responder às perguntas: “Onde se passa? Quais são as vozes? Quais instituições são mencionadas? Qual é o público? Qual é o contexto?”, etc.

Discussão

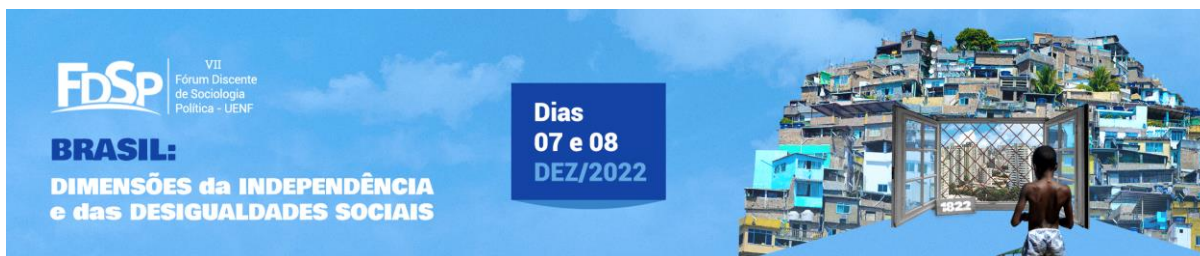
Para Wittgenstein (1995), a linguagem é privada, pois se trata de uma percepção subjetiva, que apenas o indivíduo que a reproduz poderia saber o real significado que ela tem para si.

No entanto, segundo Esteves (2006), devemos identificar que sobre as palavras, existem significados intersubjetivos, que é aprendida a partir do compartilhamento de estados mentais subjetivos, dos quais nos comunicamos uns com os outros sobre dores, emoções, sentimentos, vivências, etc.

Wittgenstein (1995) parte de uma concepção dominante na filosofia e na psicologia de que cada qual tem seu próprio estado mental e suas vivências interiores, mesmo estando ao lado de outras pessoas. Portanto, sentir a dor do outro não seria possível, pois podemos no máximo perceber seus comportamentos e suas declarações.

Quando sentimos dor, é normal que expressemos gemidos e digamos determinadas palavras ou frases características, e essas mesmas são reproduzidas por outros indivíduos, possibilitando-me, portanto, identificar que o outro pode estar sentindo o mesmo que sentimos quando temos dor. Para Freud (1999), só podemos alcançar o que é dor diante das nossas próprias percepções, e jamais poderemos estar absolutamente certos se o que o outro se refere ou expressa como “dor” seria exatamente o mesmo que sentimos em nós mesmos, mesmo quando expressão manifestação espontâneas parecidas. “Essa incorrigibilidade ou indubitabilidade está fundada no fato, de que tenho consciência direta e imediata das minhas próprias dores, respectivamente, de meus próprios estados” (ESTEVES, 2006).

O autor, então, questiona como as palavras fazem referência às sensações. Como as palavras se conectam às sensações, uma vez que as sensações seriam um pressuposto de uma linguagem privada? Wittgenstein (1995) tem a tese de que sensações não são nomes, pois



“nome” em seu sentido tecno, se refere a coisas. No entanto, a proximidade da palavra com a sensação se dá, no máximo pelo comportamento, de forma indireta.

Deste modo, para Wittgenstein, que se aprende propriamente dito não é o nome da sensação de “dor”, e sim um comportamento expressivo de dor, “um comportamento linguístico e convencional que substitui o comportamento natural” (ESTEVEVES, 2006).

Como a palavra “dor” é uma manifestação comportamental, que vem a substituir a expressão natural de sentir a dor, as frases em que a aplicamos não são frases expressivas. Na frase “eu tenho dor”, aqui não é uma enunciação da expressão de dor, e sim, uma constatação do saber de um determinado estado. Desta forma, para Wittgenstein, não seria possível ensinar a alguém exatamente o significado da palavra “dor”, pois a nossa linguagem intersubjetiva não alcança as sensações.

Wittgenstein (1995) afirma que pode haver uma ligação entre a expressão e a sensação de “dor”, que pode ser dada herdando da expressão natural da sensação, não precisando, portanto, ser algo ensinado. O que se ensina e se aprende, nada mais é do que um novo comportamento para a expressão (de dor).

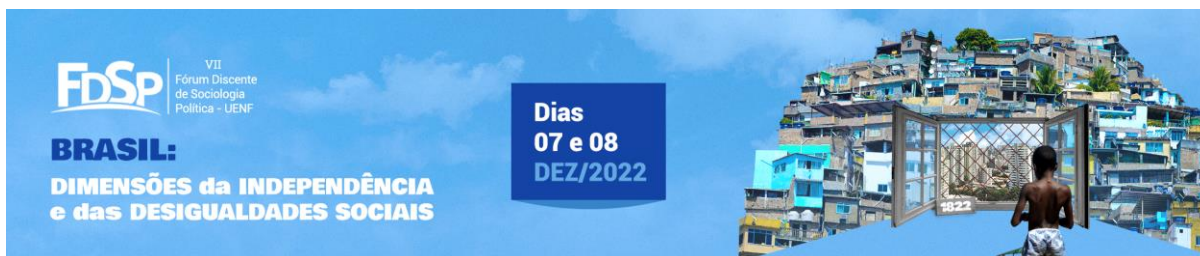
Portanto, cada qual poderia saber por si mesmo, sem precisar ser ensinado, do que seria “dor”. Em geral, na filosofia analítica da linguagem, o conceito de dor pode ser expressado numa linguagem intersubjetiva compartilhada por meio de expressões linguísticas correspondentes.

Aqui desdobraremos sobre a perspectiva antropológica social de Veena Das (2020) em sua obra “Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário”. Esta é uma leitura indispensável para pensarmos de que forma os problemas coletivos (chamados pela autora de eventos críticos) impactam de forma subjetiva na vida do indivíduo, e como as sensações também podem trazer a questão da linguagem privada descrita por Wittgenstein.

A autora menciona inclusive o termo Estado biopolítico, onde ela defende a ideia de que a vida se torna um assunto de Estado. Aqui ela trata do reconhecimento humano em um formato social, dialogando com o papel do Estado para a manutenção da vida digna em sociedade.

A autora aponta sobre os perigos e o sofrimento que os indivíduos podem causar um ao





outro, desta forma, se o ser humano vive em sociedade, é para se proteger dele mesmo. A dor ocasionada pelo coletivo reflete em expressões subjetivas.

Das (2020) trata o cotidiano como ponto importante para o indivíduo que vive em sociedade e sobre o papel do Estado biopolítico em estar presente e garantir o direito à vida. E ainda, é a partir dos traumas da vida cotidiana que se cria, a separação de nações, etnias e grupos religiosos.

Para a autora, existem diferentes formas de expressar a dor a partir da linguagem, que também podem surgir no formato do silêncio. O silêncio também é uma linguagem. As transações entre corpo e linguagem recriam o mundo a partir das experiências já vividas.

O sofrimento não é uma experiência uniforme. Todos sofremos de formas diversas. É preciso encontrar a maneira da dor e sofrimento para então se questionar sobre o gênero discursivo.

Conclusão (em português)

Em primeiro caso, identificou-se a dificuldade que as vítimas têm em expressar suas experiências vividas nos eventos traumáticos. Apesar da violência sexual ser um ato recorrente durante séculos de conflitos em diferentes civilizações, ela ainda nos dias de hoje causa um estrago traumático profundo em homens e mulheres.

No que se refere especificamente aos corpos masculinos, esta é uma questão que afeta diretamente a masculinidade, virilidade e honra. Um homem que tem o seu corpo violado e “feminilizado” tem tendência a ocultar sua experiência para resguardar a sua honra e masculinidade, portanto, os depoimentos entorno destes atos são menos realizados se comparado aos depoimentos de corpos femininos.

Em segundo plano, a legislação de alguns países condena as práticas homossexuais como crime, sendo um ato que pode até ser levando à pena de morte em alguns países, como é o caso do Iêmen. O que torna ainda mais difícil a verbalização da expressão da dor e do sofrimento vivenciados, levando as vítimas a optarem pelo silêncio. A legislação dos tribunais



internacionais e de regulação de guerra também carecem de especificidades em relação a esses atos de tortura em relação a homens.

E, por fim, foi identificado, primeiramente, o vácuo da abordagem da violência sexual especificamente contra homens adultos nas pesquisas científicas principalmente em língua portuguesa, o que pode gerar uma concepção errônea de pouca importância sobre o tema. Além disso, notamos também que a abordagem midiática sobre esse tema e sobre essas vítimas (homens adultos) é tratada de forma mais sombria do que em relação aos corpos femininos ou de transsexuais/travestis ou quando se trata de crianças (o caso da pedofilia) e de homossexuais.

Deste modo, identificamos uma relevância importante que uma tese poderia trazer ao campo científico brasileiro sobre o tema, visto o grande vácuo bibliográfico da nossa literatura em relação ao assunto, reforçando o silenciamento entorno da temática envolvendo homens.

Referências

DAS, Veena. **Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Trad.: Bruno Gambarotto. – São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

ESTEVES, J. **Como aprendemos o que é dor?** Uma análise crítica do parágrafo 244 das Investigações filosóficas de Wittgenstein. Manuscrito – Rev. Int. Fil., Campinas, v. 29, n. 2, pp. 479-498, jul.-dez. 2006.

FREUD, S. **Das Unbewusste**. Gesammelte Werke. Band X. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

GREY; SHEPHERD, **“Stop Rape Now?”**: Masculinity, Responsibility, and Conflict-Related Sexual Violence, 16 **MEN & MASCULINITIES** 115, 116 (2012) (“[W]hile some (not enough) global attention has been paid to female survivors/victims of violence, considerably less has been directed at their male counterparts. . . . Male victims/survivors of sexual violence remain a marginal concern to international policy”), 2007.

Leitão, Débora K.; Gomes, Laura G. **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões**. Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, p.41-65, 1. sem. 2017





MINAYO, M.O **desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

ONUF, Nicholas. **Escavando a “comunidade internacional”**: por uma arqueologia do conhecimento metafórico. CONTEXTO INTERNACIONAL – vol. 32, n. 2, julho/dezembro 2010.

SIVAKUMARAN, Sandesh, **Sexual Violence Against Men in Armed Conflict**, 18 EUR. J. INT’L L. 253, 253–55. See also Valerie Oosterveld, The Gender Jurisprudence of the Special Court for Sierra Leone: Progress in the Revolutionary United Front Judgments, 44 CORNELL INT’L L.J. 49, 53 (2011) (gender-based violence against men has been marginalized in international criminal jurisprudence), 2007.

VOJDIK, VALORIE K. (2014) "**Sexual Violence Against Men and Women in War: A Masculinities Approach**," *Nevada Law Journal*: Vol. 14: Iss. 3, Article 15. Available at: <https://scholars.law.unlv.edu/nlj/vol14/iss3/15>

